

ERRATA

No artigo de capa do Almanaque DANT “Ambiente e Saúde”, da edição nº 4 (janeiro de 2008), omitimos o nome de um dos autores do artigo:

Dra. Estela Maria Bonini

Enfermeira Sanitarista – Mestre em Saúde Coletiva

**Subgerência de Vigilância de Riscos e Agravos à Saúde Relacionados ao Meio Ambiente –
Gerência de Vigilância em Saúde Ambiental- Coordenadoria da Vigilância em Saúde-
Secretaria Municipal da Saúde**



AMBIENTE

Acompanhamos por publicações, rádio e televisão, a crescente preocupação da comunidade científica e da sociedade em geral com a temática ambiental, especialmente com as mudanças climáticas e suas conseqüências nos espaços naturais e sociais. Isso acontece num período histórico no qual se consolida o estilo de vida contemporâneo ocidental, com a quebra das barreiras culturais, ideológicas e econômicas decorrentes da globalização.

Enquanto esse modelo de sociedade, baseado no crescimento econômico ilimitado, tenta superar, sem sucesso, os desafios econômicos e políticos da má distribuição de renda, sofre as conseqüências de suas ações sobre os espaços que ocupa: o social e o físico-natural.

O desejo de conforto, o consumo desenfreado, a competitividade, a corrida contra o tempo, induzidos pelo modelo

sócio econômico e cultural vigentes contribui ainda para a degradação progressiva do nosso espaço social, valorizando o ter e não o ser e, sobretudo mantendo uma distribuição injusta dos bens acumulados, contribuindo para a cultura da violência, primeira causa de morte especialmente entre os mais jovens. Os agentes econômicos estimulam o consumo, a sociedade aspira ampliar o consumo e poucos vêem a ligação entre o consumo, os problemas ambientais e os de saúde.

É neste quadro que emergem os principais problemas ambientais da atualidade: o excesso de resíduos sólidos, a saturação do ar por poluentes, provocando o aquecimento global, a redução da água doce, a falta de áreas verdes e a perda da biodiversidade. Todos esses problemas produzem doenças, transmissíveis e não transmissíveis e todos podem levar à finitude da vida na terra.

A sociedade de consumo e a crescente produção de lixo

A população global de seis bilhões de pessoas não está capacitada para realizar tarefas aparentemente simples como a de reduzir e de dar destinação adequada ao lixo produzido. Nos Estados Unidos, cada pessoa gera dois quilos de lixo por dia, no Brasil, um quilo. São produzidos aqui 55 trilhões de quilos por ano, apenas 5% é reciclado.

A maior parte dos produtos do lixo permanece no solo por longos períodos, desde o papel, de duas a seis semanas, até embalagens, copos plásticos e fraldas descartáveis, entre 100 a 500 anos e garrafas de vidro ou plástico e pneus por tempo indeterminado! Calcula-se que 30% do lixo no Brasil é jogado nas ruas e contamina solo, nascentes, córregos, margens de rios, entope bueiros, causando redução



e SAÚDE

da água potável e enchentes, emitindo gases, como o metano, contribuindo para o aquecimento global, com conseqüências diretas para a saúde humana e outras vidas no planeta. Propicia ainda a contaminação química dos solos e mananciais e a proliferação de animais como os ratos e insetos. Assim, produz inúmeras doenças, como dengue, calazar, leptospirose, doenças respiratórias, parasitoses e doenças diarréicas.

A poluição atmosférica e a saúde

A atmosfera é um recurso natural que determina as manifestações climáticas e constitui elemento essencial à vida. A queima de produtos combustíveis é o princípio fundamental da poluição atmosférica. Nas cidades tais elementos são provenientes principalmente de fontes industriais e dos veículos motoriza-

dos, entre eles, o monóxido e o dióxido de carbono, os óxidos de enxofre, de nitrogênio, vapor de água e metais pesados, como chumbo e cádmio. Um dos principais problemas decorrentes destes gases é o efeito estufa, provocando o aquecimento global; outros são: o buraco na camada de ozônio e as chuvas ácidas.

Os efeitos da poluição atmosférica são diversos e com diferentes graus de risco, estendendo-se dos toxicológicos aos econômicos. Além dos humanos, outros animais, materiais e plantas, podem ser afetados pelos efeitos de poluentes do ar.

Doenças pulmonares, cardiovasculares, perturbação da visão, diminuição dos reflexos, alguns tipos de câncer, abortos e até mesmo a síndrome de Morte Súbita Infantil estão associadas a estes poluentes (Willes, 1997).

As mudanças climáticas, o aquecimento global e a saúde

Desde os anos 70 vários pontos do planeta vêm sentindo os efeitos do aquecimento global, conseqüência da emissão de gases, especialmente do monóxido e dióxido de carbono. O Brasil é o quarto maior emissor do planeta, com 75% das emissões oriundas de desmatamento, especialmente da floresta amazônica.

Entre as graves conseqüências do aquecimento está o degelo e as conseqüentes reduções da água, pelo desaparecimento das corredeiras que alimentam as bacias fluviais e aumento dos níveis dos mares com inundações costeiras. Muitas das espécies animais e povos que vivem nestas áreas já estão sofrendo os efeitos deste processo.

O aumento da temperatura nas áreas

urbanas deu origem às chamadas ilhas de calor. Os edifícios elevados aprisionam o mormaço entre ruas e avenidas e impedem a ação dos ventos superaquecendo as regiões centrais; soma-se a isto; a poluição automotiva, a poluição das indústrias, o excesso de concreto e asfalto e a redução de árvores.

O efeito das altas temperaturas no corpo humano pode variar de um mal estar até doenças e mortes. Alguns grupos são mais vulneráveis: crianças nos primeiros anos de vida, idosos, alguns doentes crônicos (doenças cardíacas, pulmonares, renais, diabetes, hipertensão, obesidade, desnutrição), alcoolistas, drogadictos, pessoas com distúrbios mentais, acamadas e obesas, indivíduos que fazem uso de certos medicamentos (tranquilizantes, antidepressivos, psicotrópicos, anticolinérgicos, diuréticos e alguns hipertensivos).

Com o calor, as doenças cardiovasculares, a insuficiência renal e as doenças endócrinas podem agravar-se, em caso de desidratação. A arteriosclerose e a diabetes podem diminuir a resposta vascular vasodilatadora. A doença cardiovascular pode limitar a capacidade para aumentar adequadamente o débito cardíaco. Estão igualmente em risco as pessoas com condições de vida ou trabalho que as tornem mais vulneráveis (trabalho físico pesado ou em ambientes muito aquecidos, isolamento social, prática intensa de esportes). Exposições agudas causam câibras, edemas, esgotamento e golpe de calor ou insolação, e a exposição crônica ao sol aumenta a ocorrência de câncer de pele.

O calor excessivo eleva a incidência de doenças causadas por água e alimentos

contaminados, as transmitidas por mosquitos e roedores e ocasiona o prolongamento das temporadas de transmissão de importantes vetores de doenças, com alteração de sua distribuição geográfica como vem ocorrendo com a dengue em São Paulo.

Em fevereiro de 2004 a OMS realizou um encontro de peritos de 20 países da Europa para troca de informações e desenvolvimento de recomendações em saúde pública em situações de clima e temperatura extremas. As principais recomendações foram identificar e proteger grupos vulneráveis, aperfeiçoar dados de morbi-mortalidade associados aos episódios de temperatura elevada, trabalho de forma integrada com agências meteorológicas e agências de proteção civil, desenvolver sistemas de alerta, planos de intervenção e ferramentas de manuseio da crise, desenvolvendo estratégias de longo prazo para a redução da morbidade e da mortalidade associadas ao calor.

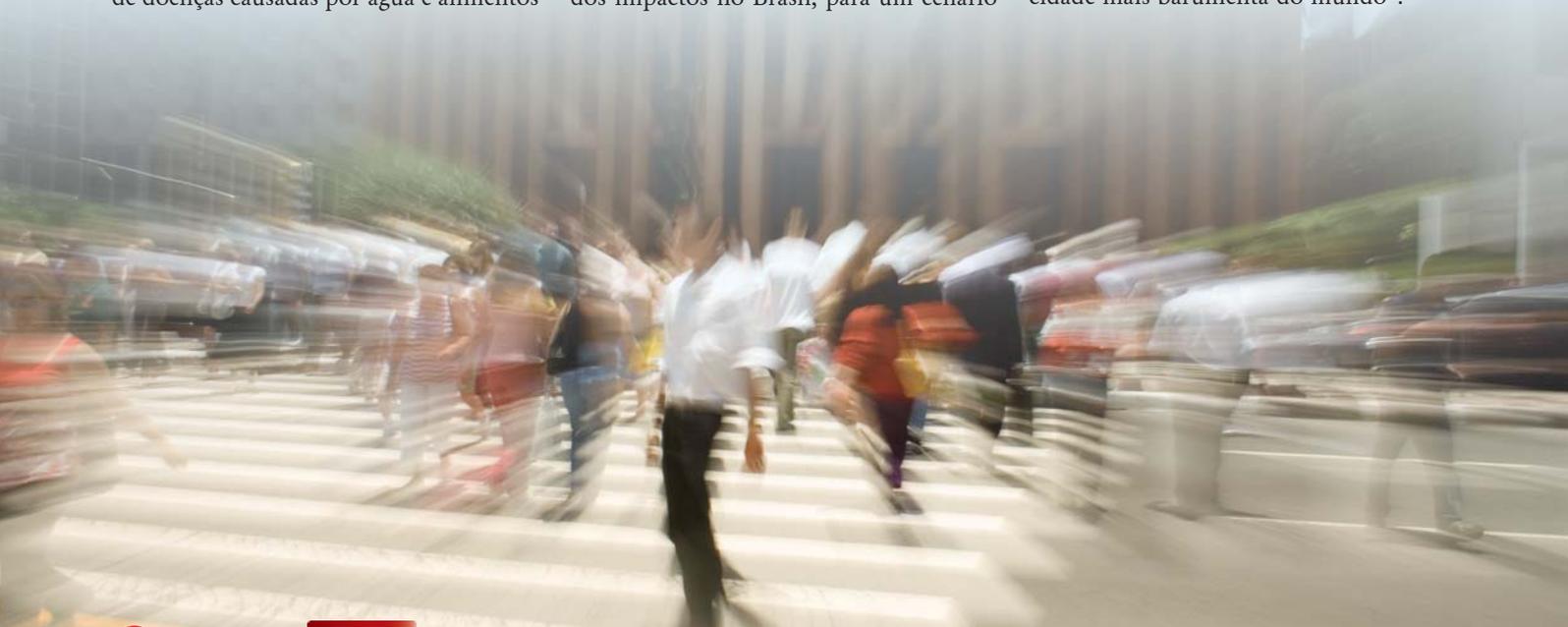
Entre outras atividades, o plano prevê o recenseamento e monitoramento de pessoas em condições de risco, criação de espaços refrigerados em casas de repouso e estabelecimentos de saúde, suporte aos serviços de urgência, treinamento de profissionais de saúde, melhoria dos cuidados geriátricos. Ao mesmo tempo a realização de amplas campanhas de sensibilização e educação, a identificação de sistemas de alerta para desencadear respostas adequadas, o desenvolvimento de sistemas de monitoramento e vigilância para detecção das ondas e seus efeitos na saúde.

Segundo a ONG WW-Brasil alguns dos impactos no Brasil, para um cenário

de aumento da temperatura global em média de 2°C, seriam: entre 90 e 200 milhões de pessoas contaminadas por malária ou outras doenças transmitidas por insetos; aumento nas taxas de diarreia e de todas as causas de morte, especialmente nas ondas de calor. Redução da produção de cereais em até 50%, de milho em 25% e de soja em 10%, o que aumenta a desnutrição e subnutrição, as desigualdades e os conflitos. Escassez de água, principalmente nas regiões nordeste e centro-oeste. Aumento na frequência e na intensidade de inundações, secas, tempestades, ondas de calor, ciclones, principalmente no Sul do Brasil, aumentando mortes e acidentes graves decorrentes destes agravos. Os efeitos sobre o habitat de diversos animais, levando à extinção várias espécies: perda de 95% dos corais do fundo do mar; 43% de risco de transformação de florestas para sistemas não florestais, com 25% das espécies extintas. O Norte e o Nordeste do Brasil serão as regiões mais afetadas pela elevação dos níveis dos mares e pelas inundações costeiras.

A saúde e o excesso de ruídos

A ONU classifica a poluição sonora “como uma das quatro principais ameaças ao meio ambiente”. Estudos epidemiológicos identificaram efeitos como deficiência auditiva, danos psicossociais, estresse, distúrbios do sono, hipertensão arterial e outras doenças cardiovasculares, inclusive em crianças, comprometimento da produtividade, entre outros (Vermeer e Passchier, 2000). “São Paulo é a oitava cidade mais barulhenta do mundo”.



A redução da água doce e a saúde

O homem fica semanas sem comer, mas sem tomar líquido, uma criança morre em cinco dias e um adulto, em dez. Recomenda-se a ingestão diária de 30 ml de água por quilo de peso para os adultos e para as crianças de seis meses a um ano de vida, de 100 a 120 ml por quilo de peso.

Em todo o planeta, a agricultura é responsável por 65% do gasto total de água, a indústria por 25% e o uso doméstico por 10%. No último século o crescimento populacional foi de 300% e o de consumo de água 600%; esse consumo dobra a cada 20 anos e a população a cada 40 anos. A América do Sul tem potencial de uso de água e terras excedentes e o Brasil tem 12% do total mundial de água.

No Nordeste do Brasil, a disponibilidade de água é de 3,8 metros cúbicos por dia. Estima-se que as chuvas devam se reduzir em várias regiões brasileiras, segundo o IPCC^{*1} no nordeste essa redução será de 40%, agravando o problema.

A medida de consumo de água/habitante/dia considerada ideal para regiões de clima tropical é de 200 litros.

O Brasil vem perdendo água doce disponível; córregos e rios vêm se tornando secos na maior parte do ano, ou durante o ano todo, até mesmo na Amazônia. O uso irracional, o desmatamento, as mudanças climáticas, a poluição, doméstica e industrial de nascentes, córregos, rios e lagos e a ocupação inadequada de áreas de mananciais são fatores de redução da oferta de água nas regiões urbanas.

No Brasil, cerca de 21 mil crianças de 0 a 5 anos morrem por infecção intestinal, por ano. A redução de água propicia a transmissão de doenças infecciosas e parasitárias. A redução de água associada ao aquecimento leva a um clima mais quente e mais seco, o que aumenta a incidência de doenças respiratórias.

Na área agrícola há redução da produção de alimentos.

A redução das áreas verdes e o empobrecimento da biodiversidade

O incremento populacional, a ocupação desordenada do solo nas cidades e o avanço da fronteira agrícola, agropecuária e extração de madeira em áreas rurais tem ocasionado intenso desmatamento, principal responsável pelas perdas de espécies da fauna e flora no planeta, contribuindo para o aquecimento global.

As árvores proporcionam sombreamento, equilíbrio de temperatura, proteção contra ventos, redução da poluição sonora, absorção de parte dos raios solares e da poluição atmosférica. Áreas arborizadas chegam a ter temperaturas até dez graus inferiores às “ilhas de calor”, propiciando maior conforto térmico e economizando energia pela não necessidade de uso de ventiladores ou aparelhos de ar condicionado.

Árvores frutíferas, cujos frutos atraem pássaros, contribuem para o controle biológico dos insetos. A redução de espécies nativas em áreas rurais e urbanas, reduz as espécies animais interferindo na cadeia alimentar, favorecendo a proliferação principalmente de insetos, provocando o aumento de doenças infecciosas.

As árvores refrescam e tornam a umidade relativa do ar mais apropriada para os seres humanos. Praças e parques arborizados são espaços que convidam e atraem as pessoas para momentos de lazer, descanso e reflexão, contribuindo para a saúde física e mental. Segundo estimativas do IPCC, se a temperatura global subir mais de 1,5° C em relação aos índices de 1990, os ecossistemas regionais mudarão a ponto de levar à extinção de cerca de um terço das espécies de animais e plantas do planeta.

A UICN^{*2} aponta o Brasil, como um dos países que apresentam o maior número de espécies ameaçadas. Cerca de 17% da floresta amazônica foi destruída; dos 1,3 milhões de quilômetros quadrados originais de Mata Atlântica, restam cerca de 7%.

Cientistas estimam que a recente intervenção humana nas florestas tropicais deverá representar a perda de uma espécie por dia. Recentemente foi divulgado que, pela primeira vez, a vegetação natural paulista recuperou 3,8% do espaço perdido nos últimos séculos e a Mata Atlântica voltou a crescer (Fioravanti e Ferroni, SOS Mata Atlântica).

As mudanças de padrão alimentar e as questões ambientais

A urbanização, a industrialização, o controle de mercado e o uso de um forte poder de mídia têm transformado o perfil alimentar da população. Os alimentos com adição de conservantes, corantes, agrotóxicos e outras substâncias, são relacionadas a várias doenças crônicas. Observa-se o aumento dos cânceres, especialmente os do aparelho digestivo bem como da obesidade e de outras doenças como: diabetes, hipertensão arterial, doenças do coração, doenças do aparelho locomotor etc...

Os solos e mananciais têm sido agressivamente contaminados por agrotóxicos, fertilizantes químicos, além de hormônios e antibióticos, presentes na alimentação de animais que servem à alimentação humana. Tal modelo de consumo, portanto, produz impacto não apenas na saúde, mas nos solos, nas reservas de água, enfim em todo o ambiente.

Os alimentos orgânicos, sem agrotóxicos, contêm mais antioxidantes que ajudam a combater o câncer, problemas cardíacos e infecções. Os agrotóxicos também podem provocar depressão e infertilidade masculina em todas as espécies, inclusive a humana.

Outro risco para a saúde já em prática em alguns países é o uso de alimentos transgênicos. Cerca de duas mil pesquisas científicas apontam problemas de saúde para humanos e outras espécies. Não há ainda estimativas precisas sobre a dimensão dos danos que poderão advir desta prática.

Praça Antonio Darago, Vila Formosa, cuidada pelo Dr. Gerson Hernandes



Centro da cidade de São Paulo

A questão ambiental na cidade de São Paulo

Com quase 11 milhões de habitantes, a expansão da mancha urbana na cidade de São Paulo, acompanha-se do crescimento de produção de lixo, de ar poluído e do comprometimento dos mananciais.

O setor de transporte é o maior emissor de GEEs*³ do Município de São Paulo, totalizando 8,42 milhões de toneladas de CO₂ em 2003, o que representa 79% das emissões totais. Nos últimos 10 anos a população cresceu 12%, enquanto a frota de veículos cresceu 70%: são 6 milhões de veículos, um para cada 1,7 pessoas.

É a cidade brasileira que mais produz lixo: 15 mil toneladas por dia, quase 1,5 quilos por pessoa por dia, sendo 9 mil toneladas de lixo domiciliar. Esta produção aumentou em cinco vezes a partir de 1970, quando a média era de 300 gramas por pessoa por dia; a emissão de metano a partir do lixo é de aproximadamente 7kg/hab/ano.

Acrescente-se o forte desmatamento sofrido pela ocupação em alta escala, que devasta florestas, impermeabiliza solos e fontes fluviais. Segundo a Associação Brasileira de Arborização Urbana o índice ideal de áreas verdes nas cidades é de 15m² por habitante, o déficit na cidade é

estimado em 16 milhões de árvores, cerca de 12 árvores por habitante.

Possuindo apenas 40 km de metrô, 11 mil ônibus em 1200 linhas regulares por dia e pouquíssimas ciclovias, o uso de transporte individual tem sido opção de boa parte da população. Nos horários de pico, cerca de 1 milhão de automóveis circulam pelas ruas. Estima-se que apenas uma pessoa, rodando 20 km por dia na cidade em um carro à gasolina, emita 1,87 toneladas de CO₂ por ano. As motos emitem 20 vezes mais poluentes do que os carros por quilômetro rodado e podem percorrer até 180 km por dia nos serviços de entrega.

De cada 100 consultas no Instituto do Coração em São Paulo, 12 são atribuídas à poluição atmosférica. Cerca de 6% das mortes naturais em idosos são aceleradas pela poluição e o risco de ter câncer de pulmão numa cidade como São Paulo é 10% maior do que em outro local. Os níveis atuais de poluição da cidade promovem redução aproximada de um ano e meio de vida em seus moradores. Há poucos estudos sobre os custos dos efeitos crônicos da poluição do ar, mas sabe-se que são substanciais e estimativas conservadoras apontam para valores da ordem de 400 milhões de dólares na cidade de São Paulo (Saldiva, 2005).

Com o intuito de estudar os efeitos na saúde da poluição do ar e a vigilância da qualidade do ar, o Ministério da Saúde estruturou, a partir do ano 2000, o programa VIGIAR. Recentemente, foi criado um instrumento para identificar municípios de risco que serão objeto de pactuação com o SUS na vigilância da saúde relacionada à poluição do ar. Este instrumento já foi preenchido para o município de São Paulo.

Estudo de acompanhamento do impacto da poluição na saúde realizado pelo Centro de Vigilância Epidemiológica Prof. Alexandre Vranjac da Secretaria de Estado da Saúde em conjunto com a Coordenação de Vigilância em Saúde (COVISA) da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo estima que de 1998 a 2006 foram “evitadas” 6.589 mortes em idosos e também 6.949 internações por doenças respiratórias em crianças que seriam relacionadas com a poluição atmosférica. Esta redução foi devido, especialmente, a produção de veículos menos poluidores e à introdução do álcool anidro como combustível de uso nos veículos leves. Apesar disso, o número de mortes e internações relacionadas com a poluição do ar ainda é muito elevado. Em 2006, a proporção de mortes em idosos decorrentes da po-

luição atmosférica foi de 4,2% do total de óbitos e a proporção de internações por doenças respiratórias em crianças foi de 5,3% do total de internações. Somem-se a isso as demais doenças, como as cardiovasculares, as crises de asma que não chegam a causar uma internação, as necessidades de inalação, os dias de trabalho perdidos pelos genitores para os menores ou para si próprios e o sofrimento e ônus que toda esta situação gera.

Além desse estudo de acompanhamento, a equipe que trabalha com o VIGIAR na COVISA elaborou um projeto para aprimorar a qualidade do diagnóstico da relação poluição do ar e saúde através de georreferenciamento de grandes vias de tráfego, fontes móveis e fixas de poluição e mortes e internações hospitalares. Este projeto em parceria com o CVE³⁴ e a Faculdade de Saúde Pública conta com o financiamento da FAPESP e fornecerá subsídios para a vigilância de agravos na população exposta na cidade e para os órgãos responsáveis pelas políticas de transporte.

Impacto das mudanças climáticas também tem sido sentido na cidade de São Paulo, onde as temperaturas mínimas e máximas superaram as médias históricas em até 7 graus, na maioria dos dias e em quase todas as 13 estações meteorológicas monitoradas pela Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental do Estado de São Paulo (CETESB). Estas condições são agravadas pelas “ilhas de calor”, que fazem com que ocorra variação de até 12°C num mesmo instante em pontos diferentes da cidade.

Outra questão relevante na cidade é o tratamento dado a suas fontes de água. Os rios e córregos são retificados, emparedados, desprovidos da proteção das matas ciliares transformados em esgotos e têm suas várzeas, áreas naturais de inundação, ocupadas.

No quadro abaixo estão relacionados dados de mortalidade por doenças associadas aos principais problemas ambientais na cidade de São Paulo.

Propostas de ação para a preservação e recuperação do planeta

A Agenda 21, formulada na Conferência do Rio em 92 com a participação de 191 países, o Protocolo de Kyoto, a 13ª Conferência de Bali sobre Mudanças Climáticas de 03 a 14 de dezembro de 2007 e principalmente o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (prêmio Nobel da PAZ de 2007) que preconiza 25 a 40% as emissões que provocam o efeito estufa até 2020, têm orientado a tomada de medidas de proteção e recuperação ambientais. Reforçando o alerta, a OMS definiu como tema do Dia Mundial da Saúde (07 de abril) “Ambiente e Saúde”.

No Brasil de 2008, destacam-se o Programa de Controle da poluição do ar por veículos automotores, criado em 1986 pelo Ministério do Meio Ambiente, que determina a aplicação de tecnologias novas pelos fabricantes de veículos, reduzindo 90% das emissões dos automóveis

e 80% dos caminhões, eliminou-se o chumbo da gasolina, promovendo a redução do teor de enxofre no diesel. O programa Proálcool, que substituiu gasolina por álcool anidro, evitou, desde a sua criação, emissões da ordem de 110 milhões de toneladas de carbono. Segundo a CETESB, caso toda a frota de carros do país fosse movida a etanol, a poluição atmosférica nos grandes centros diminuiria entre 20% e 40%.

Em relação aos riscos de mudança climática global, o balanço final é altamente positivo, uma vez que o processo de fotossíntese da cana absorve da atmosfera um volume de CO₂ equivalente ao da queima do álcool e do bagaço.

Quanto ao lixo, a reciclagem reduz o volume de lixo de difícil degradação, contribui para a economia de recursos naturais, prolonga a vida útil dos aterros sanitários e gera autosustentabilidade.

O Programa A3P fomenta o uso responsável de água, energia, papel e demais produtos nos locais de trabalho.

Mais de 90% da energia elétrica consumida no Brasil é produzida em hidrelétricas, sendo por isso ainda considerado “limpo” em relação ao consumo energético.

Propostas e medidas na cidade de São Paulo

As dimensões do município, da população e dos problemas ambientais na cidade são gigantescas e as medidas de compensação ainda trazem impacto

Número e proporção de óbitos em residentes do Município de São Paulo - 2006

Causa	Total	%
Acidentes de trânsito e transporte	1.301	2,1
Homicídios	2.306	3,6
Bronquite, enfisema e asma	2.487	3,9
Algumas doenças infecciosas e parasitárias	2.774	4,3
Pneumonias	4.319	6,8
Todos os tipos de câncer	12.246	19,4
Demais causas de óbito	17.153	27,3
Doenças do aparelho circulatório	20.602	32,6
Total de óbitos	63.188	100

Fonte: PROAIM/CEINFO/SMS-SP

alguém do desejado. Entre outras medidas que vêm sendo adotadas podemos citar o rodízio de veículos na área central da cidade, retirando de circulação 20% dos veículos nos cinco dias úteis da semana; instalação e recuperação de parques e áreas verdes; troca de lâmpadas na iluminação pública, por alternativas mais eficientes; uso de papel reciclado; ciclovias e apoio a ciclistas; captura e geração de energia a partir do gás metano nos Aterros Bandeirantes e São João; adesão ao programa Cidade Amiga da Amazônia, que proíbe o uso de madeira ilegal e de desmatamentos criminosos nas compras municipais; obrigatoriedade do emprego de entulho da construção civil e na pavimentação de vias públicas; deu-se início a política de compras verdes, incluindo merenda escolar orgânica.

Entre os programas de promoção de saúde desenvolvidos pela Secretaria Municipal de Saúde, com impacto ambiental, destacam-se o trabalho de proteção e recuperação, envolvendo principalmente, os técnicos e agentes de zoonoses. Segundo a Dra Inês Suarez Romano, coordenadora da COVISA, a “Operação Cata Bagulho” que é uma iniciativa da Vigilância em parceria com as subprefeituras coletou 14.295,59 toneladas de lixo durante o ano de 2007. Sem dúvida, o impacto destas ações, extrapolam o controle de doenças como a dengue e a leptospirose, reduzindo a poluição de cursos de água e as emissões de gases de efeito estufa como o metano. O Programa Córrego Limpo, realizado pelas subprefeituras em parceria com a Sabesp iniciou em 2007 a despoluição e revitalização de 42 córregos na Capital. Ao todo foram limpos 281 córregos, totalizando 334,6km.

Em 2006, de forma integrada, as Secretarias de Saúde, do Verde e Meio Ambiente e de Ação e Desenvolvimento Social iniciaram um projeto voltado para educação e intervenção ambiental, nas áreas de atuação do Programa Saúde da Família. O Projeto Ambientes Verdes e Saudáveis capacitou em temas ambientais cerca de cinco mil agentes comunitários de saúde e de proteção social. Segundo

o Dr. Hélio Neves, diretor do projeto, a iniciativa já provocou mudanças no perfil de consumo e de tratamento do lixo, implantação de coleta seletiva, plantio de árvores em unidades de saúde e arredores, recuperação de praças e ações de educação ambiental para adultos, jovens e crianças nas comunidades. O projeto prossegue com o desenvolvimento de centenas de ações de intervenção ambiental.

A II Conferência Municipal do Meio Ambiente da cidade de São Paulo, realizada em dezembro passado, referendou as seguintes propostas:

- Redução das emissões de poluentes atmosféricos: utilizar combustíveis de menor potencial poluidor e facilitar o transporte público: ampliar linhas de metrô, corredores de ônibus, criação de ciclovias, bicicletários, estimular o respeito ao pedestre e ao ciclista, criar terminais de carga, distantes da cidade; estimular o desenvolvimento econômico local, o mais próximo possível de onde vivem os cidadãos, reduzindo deslocamentos;

- Consumo responsável de água e energia na indústria e locais de trabalho em geral e tratamento dos resíduos industriais. Evitar o uso de sistemas de aquecimento, refrigeração e ar condicionado, fazendo uso, sempre que possível de sistemas de ventilação e iluminação naturais. Identificar, criar rede de proteção e incentivar a preservação das nascentes e margens dos cursos d’água de toda a cidade. Regularizar a construção de edificações eco-sustentáveis;

- Preservar e recuperar áreas verdes; estimular a agricultura urbana livre de agrotóxicos; preservar e proteger a fauna, fiscalizando e coibindo a caça e o comércio de animais silvestres e plantas nativas;

- Reduzir a produção de lixo de embalagens, especialmente as plásticas, organização da coleta seletiva e inclusão de catadores de materiais recicláveis, fiscalização do descarte de resíduos em áreas públicas e em recursos naturais (rios, córregos, matas etc.); Incentivar o uso de materiais recicláveis na indústria de construção civil; ampliação do programa Cata Bagulho nas regiões.

O que cada um de nós pode fazer:

- 1 Aumentar o consumo de alimentos naturais e saudáveis.
- 2 Reduzir a produção de lixo, o uso de descartáveis, de produtos com excesso de embalagem, ao recusar, reciclar e dar destinação adequada; criar ambientes limpos e agradáveis e jamais poluir solo e córregos; usar copos individuais nos locais de trabalho e usar frente e verso do papel.
- 3 Proteger a flora e a fauna silvestres, arborizar e permeabilizar as calçadas, o que reduz temperaturas, produz frutas e embeleza os arredores.
- 4 Preferir sempre que possível, o uso de transporte público, bicicleta e caminhadas, praticar atividade física e contribuir para a melhora do ar atmosférico.
- 5 Ao construir ou reformar preferir opções ecológicas; evitar e desestimular a construção de habitações em áreas próximas aos mananciais e áreas verdes.
- 6 Usar água de forma racional, consertar vazamentos, tomar banhos curtos - 6 minutos; para lavar carro ou calçadas; reutilizar água de lavagem de roupa, do banho ou da pia, para diversas atividades, como regar jardim com água de pia e de lavagem de verduras. Fechar a torneira durante o barbear ou ao escovar os dentes. Usar aeradores nas torneiras e chuveiros. Caixas de baixo consumo de água para vasos sanitários utilizam apenas 3 a 6 litros, com o mesmo efeito. Recobrir o solo com folhas, madeira, elementos que evitam a evaporação, reduz as regas e realimenta o solo. Regas do jardim no final do dia evitam a evaporação e perda da água.
- 7 Racionalizar o uso de energia, se possível com energias alternativas, como o aquecimento solar; posicionar a geladeira fora do sol e descongelar a cada 6 meses.
- 8 Evitar o despejo de óleo de cozinha, reciclar ou encaminhar a postos de coleta.
- 9 Plantar árvores para refrescar, embelezar e enriquecer os ambientes, produzindo sombra e evitar o uso de condicionador de ar ou ventilador.
- 10 Dar o exemplo, como cidadão e como profissional de saúde.

*1 - IPCC - Painel Intergovernamental Sobre Mudanças Climáticas

*2 - UICN - União Internacional para Conservação da Natureza

*3 - GEEs - Gases de Efeito Estufa

*4 - CVE - Centro de Vigilância Epidemiológica

Assessoria Técnica:

Mirra Alcira Ferro Rodrigues Silva

Clarice Umbelino de Freitas

Rosaria Grimaldi Campos

Ricardo Silva Pinto

Célia Medina

Ruy Paulo D’Elia Nunes